

A ordem e o belo: o cuidado estético com a vida

The order and the beautiful: the aesthetic care with the life

Sílvia Maria de Contaldo*

“A Filosofia promete a razão, e a custo liberta pouquíssimos, obrigando-os não a desprezar aqueles mistérios, mas a que os entendam como devem ser entendidos” (Agostinho, De Ordine, II,V,16)

Introdução

“Ama para viver, viva para amar”. Assim o filósofo e sociólogo Edgar Morin termina o sexto volume da sua obra, *O método*¹, dedicado à ética.

Esta proposição fora de contexto poderia ser confundida, como qualquer outra, com um receituário disponível em livros de auto-ajuda ou com alguma frase de pára-choque de caminhão ou mesmo com uma orientação piedosa de algum santo ingênuo.

Mas tomo-a aqui para inscrevê-la no horizonte filosófico do pensamento de Agostinho, em razão de duas constatações. A primeira refere-se à incrível atualidade do pensamento agostiniano e seu refinamento dialético para captar o valor ético que os seres humanos atribuem às coisas. Seu indicativo de vida ética e, portanto, de vida boa, pode ser traduzido em amar mais o que deve ser amado mais e amar menos o que deve ser amado menos. E não há quem não queira amar para viver bem. Por aí percebe-se sua atualidade.

Comunicação apresentada no 13º Congresso Internacional de Filosofia Medieval, realizado na UFES, em Vitória, de 02 a 06 de agosto de 2010.

*Professora de Filosofia da PUCMINAS, do ISTA e da FAJE. E-mail:scontaldo@pucminas.br

¹ Edgar Morin ((1921-) é um dos pensadores mais importantes da contemporaneidade. Cf. SILVA, Juremir Machado: “Com *O Método*, 6, Edgar Morin faz a ponte entre o século XX, do qual foi ator engajado e analista permanente, e o século XXI, em cuja rede planetária continua a disseminar suas ideias, entre coletor de imaginários, caçador de falsas certezas[...]

A segunda constatação e objeto dessa comunicação é a relação desse amor ordenado com o cuidado estético que a vida tem requerido de nós, embora haja tanta desordem no mundo.

No *diálogo sobre a Ordem*², escrito no retiro de Cassisíaco, Agostinho promove uma belíssima discussão sobre o cuidado com a vida partindo de uma observação corriqueira e, aparentemente, sem maiores motivações filosóficas. Durante à noite, estando acordado como lhe era habitual, o barulho da água que corria no riacho sem ritmo monocórdio o fez pensar na beleza das coisas diversas.

“Seguir e perceber a ordem das coisas”³ é a recomendação inicial do diálogo dirigido a Zenóbio⁴. Por essa recomendação Agostinho declara que nem sempre os homens podem perceber essa ordem, muito menos explicá-la. E por quê? Certamente porque os homens não se conhecem a si mesmos, pois “para conhecer-se a si mesmo, ele [os homens] precisa de um ótimo modo de viver, para afastar-se dos sentidos, refletir em si mesmo e manter-se em si mesmo” (De Ordine, I,I 3)⁵. De fato, tem-se tornado cada vez mais difícil o recolhimento, a atenção consigo mesmo diante dos apelos midiáticos e da imposição de porções de conhecimento, no estilo *self-service* do que melhor convier a cada um.

No mundo atual estamos mais acostumados a dividir, a separar, a ver apenas o fragmento e deixar de lado o todo, o conjunto, sem procurar compreender a ordem na desordem. Agostinho nos lembra que, mesmo num ínfimo inseto, uma pulga⁶, os membros “estão dispostos de maneira admirável e distinta”⁷. Nessa perspectiva, como entender então

²O *Diálogo sobre a Ordem* foi escrito em Cassisíaco e integra o conjunto dos chamados diálogos filosóficos: *Contra Acadêmicos* e *A vida Feliz*. A sua composição dá-se num curto período de tempo, compreendido entre a madrugada do dia 20 até o anoitecer do dia 25, em novembro de 386. Os personagens, por sua vez, têm perfis diferenciados, o que contribui para o debate marcado muito mais pela dialogicidade do que pela polêmica em torno da questão central: como compatibilizar a Providência Divina, ordem superior, com as vicissitudes humanas e seus desatinos.

³ “Ordinem rerum, Zenobi, consequi ac tenere cuique proprium, tum vero universitatis quo coeretur ac regitur hic mundus, velviderevelpanderedifficillimunhominibusatquerarissimun est” (De Ordine, I, I,1)

⁴Sabe-se pouco acerca de Zenóbio. Por ocasião do diálogo ele ‘encontra-se longe depois de uma partida repentina e agitada’. Ao longo da obra Agostinho elogia “seu caráter e espírito amante da beleza completa, isento da imoderação, paixão e torpeza, apresentando-o também como amigo dos que dialogam com Romaniano e como amante da poesia”. Cf. SANTOS, 2008, p.154)

⁵ “Cuiuseroris máxima causa est, quod homo sibi ipse est incognitus. Quitamen ut se noscat, magna opus habetconsuetudinerecedendi a sensibusetanimum in seipsumcolligendiatque in seipsoretinendi” (De Ordine, I, 3)

⁶“At enim hoc ipsum est plenusquaestionum, quod membra pulicisdisposita mire atquedistincta sunt”

⁷“Sed hoc pacto si quis tamminutumcerneret, ut in vermiculato pavimento nihil ultra uniuistessellaemodulumaciessiusvaleretambire, vituperaretartificemvelutordinationis....” (De Ordine, I, I,2)

a relação tensional entre ordem e desordem? Como compreender a vida humana sendo movida pela inconstância e ‘inumeráveis perturbações’?

Em geral, estamos menos dispostos ou, quem sabe, temos a mente mais débil para perceber a harmonia das coisas em sua inteireza, como o próprio Agostinho explica ao comparar o ladrilho – a parte e o pavimento - o todo. De certo modo, Agostinho antecipava concepções modernas que abarcam o universo das ciências: o todo não é necessariamente a soma das partes. Pode ser maior ou menor, visto que a parte está no todo e o todo está na parte, tal como a descrição da composição de um pavimento:

Mas, se alguém enxergasse tão pouco assim ao ponto de o campo de sua visão não conseguir abranger mais que um ladrilho num pavimento adornado, ele iria criticar o pedreiro como ignorante da simetria e colocação, por achar que os variegados ladrilhos estariam em desordem e suas figuras não podiam ser vistas e apresentadas combinando na qualidade de uma beleza única” (De Ordine, I, I 2)⁸

Essa miopia também pode ser aplicada aos seres humanos quando “incapazes de abranger e considerar com sua débil mente a adequação e harmonia globais das coisas, se algo que consideram importante lhes desagrade, acham que existe uma grande feiúra (ou deformidade) nas coisas” (De Ordine, I, I, 2)⁹

Desse modo torna-se necessária a correção da visão mediante processo terapêutico que se realiza no interior e não no exterior, pois é ali, na interioridade, que é possível descobrir a unidade na diversidade, o uno no múltiplo e a harmonia dos contrários que são a expressão estética da vida. Procedimento nada fácil visto os inúmeros obstáculos que turvam nossa visão mais íntima e inteira das coisas.

⁸ “Sed hoc pacto si quis tam minutum cerneret, ut in vermiculato pavimento nihil ultra unius tessellae modulum acies eius valeret ambire, vituperaret artificem vel ut ordinationis et compositionis signarum eo quod varietatem lapillorum pertubata putaret, a quo illa emblemata in unius pulchritudinis faciem congruentias simul cerni collustrarique non possent” (De Ordine, I, I, 2)

⁹ Nihil enim aliud minus eruditum hominibus accidit, qui universam rerum coaptationem atque concentum imbecilla mente complecti et considerare non valentes, si quid eos offenderit, quia sua ecogitationi magnum est, magnam putant rebus inhaerere foeditatem” (De Ordine, I, 1, 2)

1. O mal, desordem maior

Ao longo do diálogo Licêncio, Trigécio, Alípio e Mônica, que também estava presente, tratarão de buscar respostas satisfatórias à questão: “se Deus toma a seu cargo as vicissitudes humanas, como se justifica em toda parte a evidência do mal nas ações do homem?” (SANTOS, 2008, p.154). Ou dizendo de outro modo: se Deus é suma bondade, ordem universal, porque o mal, desordem maior, aparece no mundo? Evidentemente estava em discussão a natureza da justiça de Deus. Num dos momentos calorosos do debate, Licêncio põe a questão, sem maiores rodeios, dirigindo-se à Trigécio: “Então, lhe pergunto: Deus é justo?” (De Ordine, I, VII, 19)¹⁰. Parece-me que também fazemos essa questão toda vez que vimos e ouvimos o velho refrão “irmão desconhece irmão” materializado na vida cotidiana.

É também nas coisas cotidianas e sem maior importância que Agostinho deu o tom da questão que conduziu o diálogo. Ao reparar numa briga de galos, bem diante da saída da casa, quando o grupo de amigos se preparava para ir ao local dos banhos, Agostinho descreveu os detalhes daquela rinha, observando “suas cabeças projetadas para a frente, as plumagens eriçadas, golpes violentos, cautelosas atitudes para esquivar-se dos ataques” (De Ordine, I, VIII, 25). E, ao final da briga, o resultado traduzido “[n]a lei do vencedor: o canto altivo e todo o seu corpo recolhido como que num só círculo para orgulho do seu domínio; e[o] sinal do vencido: suas asas deprimidas, deforme sua voz e desfigurados os seus movimentos”. Coitado! Mas foi justamente daquela cena que Agostinho pode explicitar a manifestação da beleza e da harmonia do conjunto aparentemente desordenado. O espetáculo ensejava questões do tipo: “porque agem assim? Porque procedem assim para dominar as fêmeas que lhes são submissas? Um vencedor, um vencido e, mesmo naquelas aves desprovidas de razão, poder-se-ia confirmar a ordem que tudo regula “o ritmo das coisas”¹¹.

Mais adiante, já na segunda parte do diálogo, Agostinho lembraria aos interlocutores outros exemplos de seres ‘desfigurados’, por assim dizer. O verdugo, cruel e horrível, embora seu cargo seja necessário para o cumprimento das leis. A prostituta, ‘elemento de perdição’ segundo ele, mas “tire as prostitutas das coisas humanas e tudo se

¹⁰“Nam quare ex te, quare – inquit –, iustusnesit Deus?”

¹¹ Cf. De Ordine, I, VIII, 26

perturbará pela devassidão”, arremata. (De Ordine, II,IV,12). E ainda lembra que determinados “membros indecorosos dos animais”, mantidos nos seus lugares, deixam lugar melhor para os membros mais nobres”, pois, afinal, trata-se da ordem da natureza e da perfeição dos seres capturada em sua aparente ‘desordem’. É nesse sentido que a imagem do galo vencido é torpe e vil porém integrada ao ‘espetáculo da briga’, resultou num espetáculo harmonioso¹², por assim dizer. No entanto, compreender e poder contemplar a ordem na desordem de todas as coisas, da qual resulta um conjunto harmônico e belo, depende diretamente da educação dos nossos sentidos e da limpidez da nossa razão.

2. Um cuidado estético

É nessa perspectiva que pode-se propor um tipo de cuidado estético para sugerir um modo de vida, um modo de estar no mundo com olhos que entendam a diversidade das coisas e que não sejam turvados pela imediata percepção de múltiplas desordens.

Na concepção agostiniana o cuidado estético com a vida exige esforço e estudo de tal modo que possamos alcançar a coerência entre discurso e modo de vida, que sejamos capazes de viver uma vida ordenada, isto é, bela e boa.

Especialmente ao que concerne a ‘modo de vida’ Agostinho, nesse diálogo, enuncia uma série de prescrições éticas. Mais do que normas a serem seguidas, são um alerta para que a vida humana se cumpra ordenadamente. Por exemplo, ele recomenda: “Saibam que o apego ao dinheiro é um veneno certíssimo para toda sua esperança [...] Não odeiem a ninguém. Não queiram curar todos os males. Não aspirem a administrar a coisa pública se não forem perfeitos. [...] Em todo tipo de vida, em qualquer lugar e ocasião procurem ter ou fazer amigos. Não se perturbem por causa dos soberbos e de modo algum sejam como eles. Desejem a tranqüilidade e um currículo seguro para seus estudos e para todos os seus colegas. Almejem uma mente boa e uma vida pacata para si mesmos e para todos aqueles para os quais vocês possam desejar” (De Ordine, II,viii,25)

Sabemos, no entanto, que não basta apenas seguir determinados mandamentos ou obedecer a certas recomendações. É preciso entendê-los e querer agir ordenadamente. Se “a razão é o movimento da mente capaz de discernir e estabelecer conexão entre as coisas

¹² Cf. De Ordine, II,IV,12

que se conhecem”(De Ordine, II, Xi,30), conforme assevera Agostinho, precisamos que a razão seja guia e não guiada, se quisermos olhar a realidade com os nossos próprios olhos. Em geral, encontramos-nos dispersos nesse mundo volátil e fluído, que nos captura pela *imediateidade*.

Assim, como educar a razão para uma vida boa e bela, vale dizer, para uma vida ética? “O discurso filosófico não esculpe estátuas imóveis, mas tudo o que toca, ele o quer ativo, eficaz e vivo, ele inspira impulsos motores, juízos geradores de atos úteis, escolhas em favor do bem...”, responderia Plutarco¹³. E muitas são as disciplinas, os saberes que temos ao nosso dispor, em favor de uma vida boa e bela.

Se fosse hoje poderíamos dizer que Agostinho propôs uma reforma ‘curricular’ começando por qualificar a dialética como sendo a ‘disciplina das disciplinas (De Ordine,II, XIII,38)¹⁴’. Em sua *Retratações* Agostinho considerou ter dado demasiada importância às disciplinas liberais, o que não vem ao caso, no contexto dessa comunicação.

Para Agostinho é a dialética que ‘proporciona a metodologia para ensinar e aprender, ela dá certeza ao saber, pois “uma vez que muitos homens estúpidos não seguem as coisas que lhes são aconselhadas com retidão, utilidade e honestidade, nem percebem a própria verdade sinceríssima que poucos espíritos vêem, mas seguem os próprios sentimentos e hábitos, era oportuno não somente ensinar-lhes o quanto eles podiam aprender, mas sim e principalmente estimulá-los à prática” (De Ordine, II, XIII, 38). Trata-se, portanto, de associar ‘discurso e modo de vida’. O discurso, dissociado da vida, não dá conta de captar a desordenada riqueza da vida e, por sua vez, a vida dissociada do discurso corre o risco de seguir às cegas.

Assim, trazendo para os dias de hoje os conteúdos das disciplinas necessárias para promover uma educação dessa natureza, seja a gramática, a retórica, a dialética, a música, a geometria, a astronomia ou a aritmética, para que possamos progredir ‘das coisas corpóreas àquelas incorpóreas’, certamente não teríamos dificuldade em reconhecer o que Edgar Morin chama de ‘pensar mal’ e ‘pensar bem’. Para esse pensador o “pensar mal’ ‘fragmenta e compartimenta os conhecimentos, tende a ignorar os contextos, perde o

¹³ Cf. Plutarco. A filosofia deve conversar, sobretudo com os grandes,776 c-d apud Pierre HADOT. A sabedoria dos antigos, p.254.

¹⁴Quando ergo transiret ad alia fabricanda, nisi ipsa sua prius quae ad machinamenta et instrumenta distingueret, notaret, digereret proderetque ipsam disciplinam disciplinarum, quam dialecticam vocant? (De ordine,II, XIII,38)

essencial por causa do urgente, só vê a unidade ou a diversidade, mas não a unidade da diversidade e a diversidade na unidade” (MORIN, 2007 p.61). Ao contrário, o “‘pensar bem’ liberta os conhecimentos do fechamento, reconhece a multiplicidade na unidade, a unidade na multiplicidade, reconhece os contextos, não esquece a urgência do essencial, reconhece os poderes que cegam ou geram ilusões no espírito humano etc”.

Pode-se entender então como Agostinho propôs que a razão, em todas as disciplinas, procedesse por escalas gradativas para elevar-se à contemplação das coisas divinas, “aplicando pouco a pouco a sua agudeza para desembaraçar-se do ‘tumulto’ importuno”¹⁵ dos sentidos. Exemplos do próprio Agostinho: “a pedra, para ser pedra, tem todas as suas partes e toda a sua natureza consolidadas numa só coisa. Que dizer da árvore? Acaso seria uma árvore se não fosse uma? Que dizer dos membros de qualquer animal, de suas vísceras e de todas as partes de que se compõem? Se as partes se separam da unidade, certamente não haverá um animal. O que buscam os amigos senão empenhar-se para ser uma unidade? E quanto mais se unem mais amigos são [...] Que busca todo amor? Não busca tornar-se uma só coisa com aquilo que ama e, se lhe for possível, aderir-se com ele?

3. O bem, uma bela ordem

Portanto, o compromisso com uma vida filosófica também expressa indissociabilidade entre ordem e beleza. Afirma Agostinho que “torna-se evidente para o homem instruído que o que em parte desagrade o é pelo fato de que não se contempla o todo, com o qual aquela parte está em harmonia: realmente torna-se evidente que naquele mundo inteligível qualquer parte, como o todo, é bela e perfeita” (De Ordine, II, XIX,51).

Por fim, diante dessa constatação, como responderíamos à questão fundante desse diálogo? Como entender que o mal, cuja desordem grotesca, não agride o sábio que ‘resiste como um rochedo inabalável no mar’?¹⁶

Pode ser que essa firme disposição exija enfrentamento e opção existencial. Para repetir o poeta húngaro Imre Madách (1829-1864) é preciso compreender que “Tu, Lúcifer,

¹⁵“Desiderabatenimpulchritudinem, quam sola et simplex posses sine istis oculis intueri; impediabatur a sensibus. Itaque in eos ipsos paululum acciem torsit, qui veritatem sese habere clamantes, festinantem ad alia pergere importuno strepitu evocabant” (De Ordine, II, XIV,39)

¹⁶ Trata-se de um verso da *Eneida* de Virgílio (VII,586) e utilizado por Agostinho ao final desse diálogo.

tu também és no meu vasto universo um elo necessário. Age, age. Teu frio saber, tua negação louca, são os fermentos que estimularão o homem”.

Pois bem esse enfrentamento não dispensa a razão. E é o que diz Agostinho: “eu, por certo movimento meu, interior e oculto, posso separar e unir aquelas coisas que se devem aprender e esta minha força se chama razão”. (De Ordine II, XVIII,48)

Ao que eu ousou acrescentar: a minha força que se chama razão é também exigência ética e estética, sem a qual não daríamos conta sequer de escutar o ruído das águas.

Referências

ANDREW, Barbara S. Beauvoir's place in philosophical thought. **In:** CARD, Claudia. **The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir**. Cambridge: Cambridge University Press, 2033, pp.24-44.

BACH, A; ROULET, M.; SANTA CRUZ, M.I. *Experiencia e Identidad de Género. Híparquia*, v.ix, 1,1997, pp. 59.64.

BACH, Ana Maria. **Las voces de la experiencia**: el viraje de la filosofía feminista. Buenos Aires: Biblos, 2010.

BAÑÓN, Sonia Reverter. El Feminismo: más allá de um dilema ajeno. **Feminismo/s**. 15, junio 2010, pp. 15-32.

BEAUVOIR, Simone de. **Le deuxième Sexe**. v.I, v.II.Paris: Gallimard, 1986. Folio.

BEAUVOIR, Simone de. **Tout compt fait**. Paris: Gallimard, 1972.

BEAUVOIR, Simone de. Entretien avec Susan Brison, realize le 7 septembre 1976 à Rome. **Les Temps Moderns**. Juin-Juillet 2002 no.619. p.8-18.

BUTLER, Judith. **El género en disputa**. El feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona: Paidós, 2008.

DÍAZ, Elvira Burgos. Conflicto de paradigmas: “gênero”y “diferencia sexual”. **Thémata**. No.35, 2005, pp.713-720.

KRISTEVA, Julia. “Le sujet en procès”. **In:** KRISTEVA, J. **Polylogue**. Paris: Éditions du Seuil, 1974, pp. 55-106.

MILLETT, Kate. **Política Sexual**. Tradução de Alice Sampaio *et.al*. Lisboa: Dom Quixote, 1970.